



1. HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

1.1 VISÃO HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL DO HOMEM

O filósofo e jornalista espírita Herculano Pires⁹ oferece uma teoria antropológica interessante sobre o surgimento da mediunidade e sua evolução, levando em conta os horizontes culturais alcançados pelo ser humano em cada etapa de seu desenvolvimento. A teoria merece ser lembrada aqui, não só porque ela nos dá uma visão de conjunto da fenomenologia mediúnica ao longo do tempo, mas, também, com o propósito de convidar o leitor ou a leitora para o estudo da obra em referência, extremamente valiosa para quem busca se informar e entender o Espiritismo e sua importância para melhor compreender o progresso espiritual do ser humano.

1.2 HORIZONTES CULTURAIS E MEDIUNIDADE: TRIBAL, AGRÍCOLA, CIVILIZADO E ESPIRITUAL

1.2.1 Horizonte Tribal

Neste estágio predomina o mediunismo primitivo, ou a mediunidade na sua expressão natural. Surge nesse horizonte o totemismo — crença baseada no culto a um animal, vegetal ou qualquer objeto tido como ancestral ou símbolo da tribo ou clã, admitindo-se que uma força misteriosa impregna ou imanta tais objetos ou coisas, podendo atuar sobre as criaturas humanas. Essas forças eram conhecidas pelos nomes polinésios de *mana* ou *orenda*. Diz o mestre Herculano que:

Mana ou Orenda não é uma força imaginária, mas uma força real, concreta, positiva, que se afirma através de ampla fenomenologia, verificada entre as tribos primitivas, nas mais diversas regiões do mundo. Essa força primitiva corresponde ao ectoplasma de Richet, a força ou substância mediúnica das experiências metapsíquicas, cuja ação foi estudada cientificamente por Crawford, professor de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda.¹⁰

Segundo outros autores, *mana* poderia ser uma pessoa, um objeto ou acontecimentos insólitos, destinados tanto para o bem quanto para o mal. Um misto de dinâmico e demoníaco, como

⁹ Nota do autor: José Herculano Pires nasceu na cidade de Avaré (SP), em 1914, e desencarnou nessa capital em 1979. Autor de 81 livros, entre ensaios e romances, de Filosofia, História, Psicologia, Pedagogia, Parapsicologia e Espiritismo, vários em parceria com Chico Xavier, sendo a maioria inteiramente dedicada ao estudo e à divulgação da Doutrina Espírita. Destacou-se como um dos mais ativos e consistentes continuadores do Espiritismo no Brasil, traduzindo os escritos de Allan Kardec e escrevendo tanto estudos filosóficos quanto obras literárias inspirados na Doutrina Espírita. A maior característica do conjunto de suas obras é a luta por demonstrar a consistência do pensamento espírita e por defender a valorização dos aspectos crítico e investigativo da proposta sistematizada por Allan Kardec. Em seus ensaios nota-se a preocupação em combater interpretações e traduções deturpadas das obras de Allan Kardec, inclusive aquelas que surgiram no seio do Movimento Espírita Brasileiro ao longo do século XX. Por essa razão, o emérito professor Herculano Pires foi considerado pelos seus contemporâneos como “O Zelador da Doutrina Espírita” e também denominado pelo Espírito Emmanuel, o mentor de Chico Xavier, como “O metro que melhor mediu Kardec”.

¹⁰ PIRES, J. Herculano. Mediunidade. Cap. 2, 1964.

potência invisível. O mana não está fixo em um objeto determinado, mas os Espíritos o possuem e podem comunicá-lo. Diz-se, ainda, que o ato da criação só foi possível pelo mana da divindade. Tudo o que é eficaz possui mana. É uma força real que provém dos seres superiores. Deus é a fonte originária do mana, que se concentra de forma especial no homem.

1.2.2 Horizonte Agrícola

Informa Herculano Pires que esse período se caracteriza pelo desenvolvimento do animismo, ou seja, expressão religiosa do homem primitivo que se caracteriza pela adoração de Espíritos que residiam em árvores, montanhas, poços e fontes sagradas, ou mesmo pedras de forma especial.¹¹ Tem lugar, também, nesse horizonte, o culto aos ancestrais, admitindo-se que eles estivessem presentes na vida comum de todos. O cultivo da terra e a domesticação dos animais favoreceram o surgimento do sedentarismo e de uma vida social efetiva. Tal fato contribuiu para o aumento demográfico e o desenvolvimento mental do homem. Nessas primeiras formas sedentárias de vida social, o animismo tribal desenvolve-se racionalmente, favorecendo a concepção fetichista que, mais tarde, dá origem à mitologia. A conclusão do autor quanto à mitologia encontra respaldo na questão nº 521 de *O livro dos espíritos*, quando Allan Kardec pergunta se podem certos Espíritos auxiliar o progresso das artes, protegendo os que a elas se dedicam. E eles respondem:

Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Que queres, porém, que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.

E o codificador complementa:

Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. *Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores, sob várias designações* (grifo nosso).

1.2.3 Horizonte Civilizado

Nesta fase do desenvolvimento humano, surge o mediunismo oracular nos grandes impérios da Antiguidade, as chamadas civilizações orientais. “Oráculo” é um termo impreciso, historicamente falando, pois poderia ser a sede ou o culto de alguma divindade especial, o templo a ele dedicado, a divindade que se supunha fazer as profecias ou mesmo os sacerdotes ou profetas (médiums). Destacam-se nesse horizonte os grandes santuários ou templos, sendo os mais famosos oráculos da Antiguidade: o de Apolo, em Delfos; o de Amon, na Líbia; de Diana, em Colchis; de Esculápio, em Roma; de Hércules, em Atenas; e de Vênus, em Pafos. Em todos eles, sem dúvida, manifestava-se

¹¹ SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. As religiões ontem e hoje. “Animismo”, 1982.

estuante a mediunidade, pela qual os Espíritos eram consultados sobre diversos assuntos, desde o mais sério ao mais pueril.¹²

1.2.4 Horizonte Profético

Destaca-se nesse horizonte o mediunismo bíblico por excelência. Nele o profeta apresenta-se como indivíduo social, mediúnico e espiritual. Porque faça uso pleno de sua liberdade, surgem excessos e abusos no intercâmbio com as entidades espirituais, caracterizando o indivíduo greco-romano e o profeta hebraico. Entre os hebreus, o mediunismo toma proporções consideráveis, tendo a *Bíblia* como a fonte mais segura que nós conhecemos de práticas mediúnicas na Antiguidade. O denominado povo eleito de Deus fez a sua história sob a influência decisiva dos Espíritos, denominados, então, de *anjos*, sendo supervisionados por lavé, sem dúvida um Espírito de hierarquia superior.

1.2.5 Horizonte Espiritual

Impera, então, a mediunidade positiva. É nesse estágio que se observa uma transcendência humana. A mediunidade torna-se um fato de observação e de estudo de todos os que se interessarem pelo problema. Anota o autor que, na Idade Média, o fenômeno mediúnico de possessão é sempre tomado como manifestação demoníaca ou sagrada, embora saibamos que se tratava de Espíritos inferiores ou de esclarecidos desejosos de se manifestar e entabular conversação com os circunstantes. O homem, não tendo atingido o horizonte espiritual, não podia conceber que o Espírito comunicante era da sua mesma natureza. Kardec explica, em *A gênese*, por que o Espiritismo só poderia surgir em meados do século XIX, depois de longa fermentação dos princípios cristãos da Idade Média e do desenvolvimento das ciências na Renascença. Escreveu:

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar apenas pelas leis da matéria.¹³

Texto do livro ***Complexidade da Prática Mediúnica***, de Waldehir Bezerra de Almeida.

¹² SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. Crenças, seitas e símbolos religiosos. “Oráculo”, 1983.

¹³ KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 1, it. 18, 2013.